

Com início de construção em 1904, a antiga Central da Jasqueira, património histórico nacional desde os anos 80, é um dos raros exemplos portugueses da arquitectura industrial desta época. A sua história pendê-se entre caldeiras e turbinas, pilas e combustíveis. Foi construída aos poucos. Cada acrescento era uma melhoria e só em 1941 se viu a obra finalizada. Esta central termoeléctrica encanta pelas grandes fachadas de paramentos revestidas a tijolo vermelho, cornijas, arcos de volta redonda e janelões de vidro transparente, parecendo arrancada aos cenários ingleses de filmes passados numa revolução industrial de cidades cinzentas e chaminés envoltas em fumo. Actualmente desactivada, serve como museu da electricidade e espaço reservado a conferências ou exposições que imprimem um pouco de vida às extensas salas, dominadas por grandes máquinas. Orgulhosas, estas adoptaram os nomes de António Centeno, Elio de Mello Rego e Maurice De Roo, pioneiros da electricidade em Portugal.

Do estrangeiro chegava o combustível, imediatamente arrancado ao Tejo e transportado para a central, tarefa na maioria dos casos reservada a mulheiras. Lá dentro, um labirinto de maquinaria, imponente e senhor do espaço que ainda ocupa. Calcula-se que trabalhadores permanentes eram cerca de 300. A limpeza das minas, parte subterrânea de trênicos tubos escuros, era escutada por crianças de tenra idade, realidade provada nas imagens que a exposição



“átomos que andam  
rugindo, rangendo,  
ciciando, estrugindo,  
ferreando”



permanente do Museu de Electricidade apresenta. “Espaço e Memória”, “Lisboa, Luzes da Cidade”, “Fontes de Energia” e “Um Século de Electricidade” são os núcleos que a compõem, distribuindo-se pelos quatro corpos do edifício. A exposição encerra para obras em Agosto e a sua reabertura está prevista para Outubro. A central abastecia Lisboa e arredores de “átomos que andam rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando”, como se refere Fernando Pessoa à electricidade em *Orypha*. Electricidade que primeiro chegou a Cascais e só depois foi “alumando” as noites lisboetas. Em 1928, também os comboios eléctricos da linha Lisboa-Cascais começaram a circular com a energia da Central Tejo.

A lei 2002 de 1944 que propunha a produção de energia hidráulica é um dos marcos que assinalam o fim da Central Tejo. Segue-se a construção da barragem de Castelo de Bode, inaugurada a 17 de Janeiro de 1951. É famosa a história do transporte do rotor, uma gigantesca peça essencial à barragem, que, de Lisboa a Castelo de Bode, levou um mês de percurso. Os jornais narravam diariamente o percurso efectuado e avançavam cálculos relativos à data de chegada. Para o transporte foi fretado um enorme camião. *O Ridiáulo*, jornal satírico que se definia como “o jornal humorístico de maior expressão em papel” apresentava na primeira página de 11 de Fevereiro de 1950 o desenho de um bode com um enorme binóculo que do alto de um castelo perguntava: “Vocês viram por aí o camião-gigante, que faz que anda mas não anda?”, tal era a paródia que cercava o acontecimento. Já menos conhecido é o facto de o último dia de funcionamento da Central Tejo estar relacionado com os movimentos revolucionários que assodem o 25 de Abril. Com efeito, em Agosto de 1972 entrou ali a última passada de carvão, no decurso da explosão das torres de electricidade em Alverca, responsáveis pela condução de energia a Lisboa. Imediatamente, a “velha” Central Tejo entrou em funcionamento. Chamaram-se os antigos operários, já todos reformados, e cuidou-se que a situação fosse resolvida com a maior rapidez. “Atentados Criminosos” foi o título da primeira página do *Diário de Notícias* de 10 de Agosto de 1972.

Exposição última dos desejos de D. Fernando de “alomear as Ruas à noyte de modo que os que mal fazem de noyte use cabidariam de andar pr a Cydade”, a Central Tejo continua a sua conversa com o Tejo e impressiona quem por lá passa. Dos lampíres de azeit, archotes, candelas, velas e candeeiros a gás e petróleo, as primeiras experiências do emprego de electricidade na iluminação pública fascinaram os lisboetas. Na revista *Ondas* Guilherme de Azevedo afirmava que “a humanidade conseguiu enfim apoderar-se do segredo da luzora. Todos nós poderemos ter o pálido astro da noyte ou o formoso astro do dia, simples diferença d’abat-jour, à razão de 30 reis à hora”.

Espaço de performances, passagens de moda e de exposições, a Central Tejo foi também cenário do programa que Mário Viegas dedicou a Fernando Pessoa. Exponente do futurismo português, o poeta dos heterónimos equaltecia a máquina e a energia, a rapidez e a metáfora, deixando a Álvaro de Campos o hino à electricidade, presente na *Ode Triunfal*:

“A dolorosa luz das grandes  
lirpedas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo  
Escrevo rangendo os dentes,  
fera para a beleza d’isto.  
Para a beleza d’isto  
totalmente desconhecida  
dos antigos.” (III)

Museu de Electricidade  
Av. de Brasília  
1300 Lisboa  
Tel. (01) 363 16 46  
Horário de funcionamento  
Ter.-Sex., Dom.: 10.00 - 12.30/  
14.00 - 17.30 h  
Sábado: 10.00 - 12.30 h

exposiãõ colectiva  
1997. Tenthull Arts Festival

1997 - União de Folk Art - Country H.  
Monroe, CT. U.S.A